

Transcrição podcast 'Minas Pretas' nº 6 – Rafa Rasta e Negabi

Apresentação: Larissa Bispo

Duração: 33'51”

[00:00:01] [ENTRA VINHETA 'MINAS PRETAS'] [MÚSICA AO FUNDO]

[00:00:09] **LOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Olá. Começa agora mais um episódio do 'Minas Pretas', uma produção da Flup, do PretaLab e da Rádio Escada, apresentado por Larissa Bispo e Silvana Bahia.

[00:00:19] **LOCUTORA NÃO IDENTIFICADA [SUSSURRA]:** Minas Pretas.

[00:00:21] **NEGABI [VOZ DISTANTE]:** Eu tenho voz na minha mão, voz no meu corpo. A poesia tá nas minhas mãos.

[00:00:27] **LOCUTORA NÃO IDENTIFICADA [SUSSURRA]:** Minas Pretas.

[00:00:31] **[VOZ DISTANTE] RAFA RASTA:** Então se eu não trago na minha poesia, se eu não falo na minha poesia sobre mim, se não falo sobre as minhas referências, ninguém vai falar.

[00:00:48] **[MÚSICA DE VINHETA DIMINUI GRADUALMENTE] LARISSA BISPO:** Olá. Meu nome é Larissa Bispo. Começa mais um episódio do Minas Pretas, podcast do PretaLab. **[MÚSICA DE VINHETA PÁRA]** Hoje a gente tá aqui com a Rafaela Félix, que tem o nome artístico de Rafa Rasta. Ela é slammer, poeta, MC e diz sempre ter sentido a necessidade de falar sobre o sofrimento do povo pobre e preto, sobre o descaso e o abandono. E foi no rap e na poesia que ela encontrou força pra protestar e caminhos pra se expressar. Ela venceu o Slam das Minas e o Slam da Paraíba. E a gente também tá aqui hoje com a Gabriela Silva, a Negabi, que é poeta, atriz, ativista feminista e surda. Ela recita suas poesias em libras em performances emocionantes. Hoje, ela tá aqui com a Kemily, que é intérprete dela. Ela competiu no Slam BR 2018 e é a representante do Paraná na Flup Slam Nacional.

[00:01:34] **[ENTRA VINHETA 'FLUP SLAM'] [BATIDAS DE FUNK AO FUNDO]**
HOMEM 1 [VOZ DISTANTE]: Eu digo "Flup", vocês têm "Slam". Flup...

[00:01:38] **MULTIDÃO:** Slam!

[00:01:38] **HOMEM:** Rap!

[00:01:39] **MULTIDÃO:** Presente!

[00:01:40] **HOMEM:** Flup!

[00:01:41] **MULTIDÃO:** Slam!

[00:01:41] **HOMEM:** Rap!

[00:01:42] **MULTIDÃO:** Presente!

[00:01:43] **HOMEM:** eu digo "Flup", vocês têm "Slam". Flup...

[00:01:47] [MULTIDÃO APLAUDE]

[00:01:55] [FUNK DE FUNDO CESSA]

[00:01:57] **NEGABI:** O tema do poema é sobre favelas. [MÚSICA SUA VE COMEÇA]

"Eu acordo

Uma mulher acordando em sua casa

E eu olho o quê?

O mar

Eu vejo as casas, as montanhas, o sol

As nuvens, o vento

Eu sinto o ar

Eu me visto, eu coloco minhas roupas

Eu coloco meu uniforme da escola, meu moletom

E vou

Eu falo com a minha mãe

'Bom dia, mãe!'

Eu como

'Tá na hora! Meio-dia já. Vou pra escola'

A gente desce a quebrada, desce a favela

Feliz

Minha mãe, negra

Eu, que tenho identidade, sou surda

Lá na minha favela.

Ih, o que aconteceu?

Parece que o caveirão tá entrando. Polícia?

O que tá acontecendo?

A UPP. O surdo: 'eu não tô ouvindo nada'

Sigo andando a minha vida

[00:02:54] **[BATIDAS DE SUSPENSE] [MÚSICA SUAVE TRANSICIONA PARA DE SUSPENSE POR MEIO DE TAMBORES AFRO, INDICANDO CORRERIA]**

[00:02:55] **NEGABI:** E aí começa o tiro

'Pow, pow, pow'

E eu não tô ouvindo, e só ando

E começa o caveirão, as trocas de tiros

E todo mundo assustado, correndo, todo mundo se escondendo

E o surdo: 'não, não, não percebi. Eu não sei o que tá acontecendo'

Eu sigo a minha vida até chegar na minha escola

E aí, acabou

Mais um surdo morto

Em frente à escola.

O surdo morto.

Mas agora, no presente,

Marielle. Marielle presente.

Uma mulher negra que cuidava das crianças

Todas morrendo

Imagina que isso é empatia

Eu sou surda também

Todos estão morrendo.

Dentro da favela,

Nós não conseguimos tocar nada

Todos nós somos silenciados

Não! Nós não vamos ser silenciados

Nós precisamos lutar

Nós precisamos dessa militância

Nós não vamos morrer.

A nossa vida é muito forte

Nós vamos resistir."

[00:03:58] **LARISSA BISPO [MÚSICA DE SUSPENSE DIMINUI GRADUALMENTE]:**

Adorei. Não precisa ficar nervosa, tudo bem, a gente vai só bater um papo. Você agora, aqui,

falou o quanto é emocionante te ver recitar, porque seu corpo fala, sabe? Seu corpo integra muito da sua poesia. E eu queria que você falasse um pouco sobre isso, sobre o lugar do seu corpo dentro do slam, o lugar do seu corpo dentro da sua arte.

[00:04:23] **NEGABI:** Então, eu sou de Curitiba, e eu nunca tinha participado do slam, eu não conhecia, mas eu já tinha visto alguma coisa, outras pessoas surdas fazendo poesia em São Paulo, no Rio e em outros lugares. Eu já tinha visto. Mas eu tinha visto só o grupo... não que eu tinha visto o slam, porque é um grupo de ouvintes. Até que um dia eu cheguei lá e só tinha ouvintes, e eu fazendo língua de sinais. Porque é uma língua. A língua de sinais não é uma linguagem, não é. É uma língua. Eu tenho voz na minha mão, tenho voz no meu corpo. A poesia tá nas minhas mãos. Então eu percebo que os ouvintes não percebem os surdos. Que nós, surdos, vivemos, nós, surdos, somos poetas, nós, surdos, resistimos. Então acaba que é uma resistência eu estar com o meu corpo ali. E os ouvintes sentem essa emoção também, eles choram, eles se emocionam, e eles adoram. Olham o texto, a estrutura, ok, é maravilhoso, eu percebo. É uma experiência também, é um processo. Eu comecei em São Paulo, no Slam BR. E aí, os ouvintes, foi a primeira vez, a primeira comunicação não tinha, não tinha intérprete. Na poesia, aí teve intérprete, ok, eles se esforçaram, tentaram a comunicação, e também eles ficavam falando em português, e aí eu não entendia, por conta da falta do intérprete. Eu perguntava: "O que tá acontecendo?" "Ah, é poesia, tá falada". E eu sou surda. E como isso acontecia? Ele falou: "Ah, surda. Você pode fazer sua poesia? Você pode recitar?". Aí eu fui, recitei, e os ouvintes perceberam, eles entenderam tudo, e falaram "Nossa, você vai com o seu corpo. **[MÚSICA SUAVE NO PIANO COMEÇA]** A arte tá dentro do seu corpo". Porque eu sou atriz também, e tá tudo misturado. É uma linguagem poética. E os ouvintes perceberam isso, sentiram, e se emocionaram também. E, às vezes, os surdos, em outras poesias, os surdos não entendem, porque falta expressão, falta sentimento. E aí, quando eu vou mostrar, os ouvintes sentem, se emocionam, por conta da língua de sinais, que é igual à voz. Tem o mesmo peso. E, aí, as pessoas se emocionam da mesma forma. E, aqui na Flup, foi a primeira vez. Não foi igual São Paulo. Aqui, no hotel, a comunicação, foi tudo muito bom com as meninas. Aqui na Flup foi muito forte também a questão... foi muito pesada a energia, a troca, a gente tava sentindo a emoção, todo mundo chorando, e foi muito emocionante. Falando de favela, falando de morte, falando de empatia, e como a gente tava se entendendo, sabe? E falando de governo, falando de tudo, esses problemas sociais. Acaba que eu me inspiro nisso, na televisão, nas notícias, nos tiros, eu percebo toda essa questão nas favelas. Eu escrevo a minha poesia pensando na sociedade, pensando na sociedade ao contrário, como é o surdo dentro, como os meus amigos

me contam, no som das coisas. Meus amigos às vezes ouvem o som alto no carro e não ouvem, por conta do barulho, por conta da vibração. E se estiver tendo um tiroteio, como eles vão saber? Eles não têm essa questão da percepção. Então é muito importante poesia, e o visual, e falar da sociedade, falar da comunidade LGBT, falar das pessoas negras e falar de todas as minorias. Então, eu me inspiro nisso, por conta dessa falta de inclusão às pessoas com deficiência também. **[MÚSICA TRANSICIONA PARA PERCUSSÃO SUAVE]** Na sociedade, tem um monte de problemas e nós somos uma minoria ignorada. Ah, ok, tá tudo bem ali, mas falta comunicação. Aqui na Flup, foi muito incrível foi maravilhoso, a questão poética tava muito grande, muito forte. **[MÚSICA DIMINUI GRADUALMENTE]** Eu nunca estive tão junto, tão misturada com tantas pessoas da Alemanha, da Escócia, de vários lugares. E senti todas as mulheres negras, todas poetas, todas juntas ali naquele espaço, e fiquei de boca aberta. A energia que elas me deram, meu coração ficou disparado, eu nunca senti isso, foi a primeira vez na minha vida. **[MÚSICA PÁRA]** Eu ia dormir e eu sonhava: "nossa, tem tantas negras poetas aqui!". E eu ficava maravilhada. Aqui, a Flup, foi incrível. A experiência que me deu pra desenvolver... de novos amigos, por conta dessa troca, de tão forte que foi. Os ouvintes me davam o poema pra eu ler e eu sentia essa emoção também. Eu não entendia, por conta do português, que eu tenho um pouco de dificuldade, porque a minha L1 é a língua de sinais, e minha L2 é o português escrito. Então, havia uma dificuldade, mas as ouvintes tentavam, se esforçavam. Elas não precisavam, assim, ficar chamando o intérprete o tempo inteiro. Não, "eu vou tentar a comunicação, eu vou me esforçar, eu vou sinalizar". Então os ouvintes aprenderam alguma coisa, eu aprendi várias coisas também, e elas não me deixaram excluída. Eu fiquei junto o tempo inteiro, muitas mulheres negras, e eu me senti muito representada. Foi muito forte essa energia. E, também, os surdos que vieram aqui, a questão da língua de sinais foi muito forte também. É só isso.

[00:09:26] **LARISSA BISPO:** Uau. Primeiro, eu tô muito feliz por você ter se sentido tão acolhida e representada assim na Flup, que isso tenha sido uma troca tão importante pra você, porque eu acho que é igualmente importante pra quem tá assistindo ver você ali, sabe? Então, que bom que teve essa conexão, e a gente sabe que não são todos os espaços que proporcionam isso, né? Mas uma coisa que me chamou muita atenção do que você falou é como você tá tão presente ali, e eu acho que a arte em geral faz isso, né, aproxima as pessoas de alguma forma que muitas vezes a gente não consegue explicar muito bem o que é. E acho que o slam faz isso de alguma forma. Enfim, a gente vai conversar mais sobre a Negabi slammer, daqui a pouco.

Mas, antes, quero ouvir um pouquinho da Rafa, e aí fica à vontade pra escolher o que você se sentir melhor pra falar agora. E é isso.

[00:10:26] **RAFA RASTA:** Eu vou falar uma que eu falei aqui na Flup mesmo, que diz assim:

"Pense

Como se pensar de novo [COMEÇA MÚSICA TRISTE]

Geralmente, o pensar do pensamento pensa facilmente que o mundo é outro

Eu vejo a sina ensinada pelo meu povo

Vejo a velha catando piolho

Eu vejo o couro do corpo de um porco morto

Injustiça gera matança

Isso eu percebo

O simples choro de uma criança

É o que vejo

A fome faz o homem ficar seco

A fome faz o homem ficar seco

Igual à caneca do pobre que pede esmola o dia inteiro

Humilhação pra conseguir emprego

População cheia dos preconceito

A educação? Tá longe do gueto

Escravidão ainda continua do mesmo jeito."

[00:11:20] [MÚSICA DIMINUI GRADUALMENTE] **LARISSA BISPO:** É sempre muito marcante essa questão de onde você veio, né?

[00:11:24] **RAFA RASTA:** Sim.

[00:11:24] **[MÚSICA PÁRA] LARISSA BISPO:** E eu queria que você contasse um pouco da sua história, assim. Antes e também, né, de ser slammer, quem é a Rafa?

[00:11:33] **RAFA RASTA:** A Rafa é uma negra periférica, mãe de três filhos e que, de repente, já se viu cansada, sabe? De se calar, de baixar a cabeça, de só ouvir as pessoas. E aí eu disse "não", meti o pé, disse "vou escrever", sabe? "Vou aprender com alguém." Aí conheci uma pessoa que cantava rap e passei a cantar rap com ele. E aí eu já tava abusada de falar dos assuntos dele, sabe? E eu queria me expressar da minha forma. E aí lancei meu trabalho solo. Eu nunca tinha ido num slam. Aí tava tendo essas batalhas lá na Paraíba, e eu fui para essas batalhas, e venci. Aí fui convidada a participar da Flup, o que pra mim é um prazer, assim. Mulheres fortes, guerreiras, é um prazer estar perto delas. Apesar da pouca experiência como poeta, mas é, tipo assim, absorver o máximo possível, sabe? E a minha quebrada é muito carente de cultura, então eu ser uma pessoa da quebrada que vai levar cultura pra lá é muito massa. **[COMEÇA JAZZ SUAVE]** Eu, para você ter noção, sou a única MC de lá, entendeu? A única poeta da minha quebrada, velho. Todo mundo que me vê aqui me diz assim: "não acredito. É a neguinha! Isso não é a neguinha não, velho. É ela mesmo!", sabe? Então, eles se surpreendem. Então, eu sou isso. É a força da neguinha que já não aguenta mais ficar... né? Então, explodiu. E é muito importante pra mim também, né, porque eu fui muito silenciada, muito mesmo, e hoje eu não aceito mais. O empoderamento, ó, ultrapassou meu tamanho. (risos)

[00:13:13] **[MÚSICA DIMINUI GRADUALMENTE ATÉ PARAR] LARISSA BISPO:** Como é que você conheceu o slam? Porque algumas slammers que a gente bateu um papo aqui falaram que foi através da literatura, e, algumas, da militância. Como foi conhecer esse universo?

[00:13:27] **RAFA RASTA:** Surreal, né? Eu tava lá, fui fazer um pocket show, e aí alguém disse "vai ter slam". "O quê? Slam? Nunca ouvi nem falar, o que é isso?" "Não, é uma batalha de poesias e tal, umas poetas, e aí é uma junção, sabe? Vem transexual, vem as mina lésbica, as mina bi, as hétero, e cada um com a sua ideia, sabe? Com a sua mensagem". E foi assim que eu conheci. E aí eu disse "Eita, será que eu consigo um negócio desse, rapaz? Vamo ver". E aí eu fui fazer um teste e foi muito boa a experiência. Preciso ficar maisafiada, eu creio, que eu preciso levar mais além o meu estudo sobre o slam. Mas, o quanto eu puder absorver, eu tô

absorvendo, né? É o mais importante do slam, que eu acho, e que eu vi, que me interessou, é que ali são várias mensagens, e você aprende muito com elas, de coisas assim... tem gente que nunca nem viu certas cenas, como uma menina falou pra mim: "caramba, onde é que eu vivo? Eu vivo nesse mundo mesmo? Porque eu nunca vi nada do que você falou aí". E eu vivo nisso. Então eu simplesmente falo, na música e na poesia, da minha vivência mesmo, da periferia, da minha quebrada, da história do meu pessoal mesmo. Então, isso é importante.

[00:14:42] **LARISSA BISPO:** Muito importante.

[00:14:43] **RAFA RASTA:** Pra mim. (risos)

[00:14:44] **LARISSA BISPO:** Pra gente também. (risos) Agora, sobre a Negabi, queria te perguntar que, em uma entrevista que eu vi você dar, **[COMEÇA MÚSICA SUAVE DE TRANSIÇÃO AO FUNDO]** você disse que a sua luta é pela mulher negra, surda e militante. E aí eu queria saber de que forma o slam faz parte dessa luta, se você se enxerga na verdade como uma inspiração, como uma referência para outras mulheres surdas, sabe. E também queria saber das suas referências. Quando você resolveu se apresentar, em quem você se inspirava?

[00:15:17] **[MÚSICA PÁRA] NEGABI:** Quando eu comecei, eu não sabia nada sobre poesia, sobre militância, sobre feminismo negro, sobre feminismo no todo, eu não sabia de nada. E aí aconteceu uma coisa muito séria comigo: meu ex-marido era muito violento, e ele era machista, e eu não tinha nenhuma informação sobre lei, sobre Maria da Penha... eu comecei a estudar na UFPR o curso popular de promotora de leis. Esse é o sinal de promotor. E aí eu comecei a olhar, a ver a militância, comecei a perceber a importância disso. Falta essa questão do empoderamento no grupo surdo. Isso tá faltando nas mulheres surdas. Não tem esse conhecimento. E eu comecei a estudar, e eu me formei... mudou a minha cabeça. Me transformou, e aí nasceu a militante em mim. Ah, e no Dia da Mulher, no dia 8 de março, comecei a olhar isso na rua, essas manifestações, esse movimento, e eu sozinha, e as pessoas começaram a ver que tinha uma feminista surda ali. E aí eu comecei a me comunicar com essas pessoas, eu comecei a conhecer e ter mais ligação, as dúvidas foram surgindo, e isso que me inspirou. **[COMEÇA MÚSICA SUAVE COM BATIDAS DE HIP HOP AO FUNDO]** E, dentro disso, eu encontrei no slam, encontrei o feminismo surdo, o feminismo negro, a questão da identidade negra e a identidade negro-surdo. E eu comecei a pesquisar, e isso se transformou em poesia, era o que tava dentro de mim. E eu comecei a falar minha poesia e os ouvintes começaram a entender e se emocionar também. E eu sou atriz, e, dentro disso, os ouvintes não

sabiam. E, quando eu entrei pra questão da atuação, todos começaram a perceber que a mulher artista também tinha uma pesquisa, a questão da violência, sobre estupro, sobre assédio, e sobre várias outras questões. E, dentro disso, tem muita força. Eu sou surda, e eu queria mostrar isso pro mundo, mostrar isso pros ouvintes também. **[MÚSICA DIMINUI GRADUALMENTE]** É importante ter uma literatura específica pro teatro, a literatura pra dar pra perceber essa questão, pra poder dar pra se inspirar, e dar apoio também, **[MÚSICA PÁRA]** e pedir "desculpa, deficientes", e não só ignorar esses grupos. E nunca parar de lutar. Eu sou resistência, eu sou resistência surda, eu sou militante, e eu vou continuar nessa militância surda de mulher pra mudar a minha vida e mudar a vida de outras mulheres, com autoestima, com informação, pra conhecimento também. E o meu corpo, ter compreensão de corpo, é muito importante isso pra comunidade surda, pra poder aumentar essa informação, porque não tem. São muitos problemas dentro da sociedade, dentro do capital, dentro do governo. E desrespeito ao surdo falar "ah, é por conta da Michelle, a língua de sinais", mas o problema não é só a língua de sinais. E o negro surdo? Pra ele, é pior. E as cotas? E as escolas, e as faculdades? Tá tudo se desfazendo! E o que que tá acontecendo com o surdo nisso tudo? E o Bolsa Família? O que que tá acontecendo com a sociedade, sabe? E a saúde, e o SUS, o que que tá acontecendo? Então, todas essas lutas, isso tudo vai acabar? Nós surdos também somos resistência nisso. Nós precisamos nos unir, e aí a minha poesia surgiu disso. O mundo precisa acordar e se arrepender do que fez. E eu torço muito pras mulheres transformarem o mundo, e transformarem suas vidas, e resistirem. É isso.

[00:18:52] **LARISSA BISPO:** Eu gostei muito de ouvir você falar, porque, geralmente, é realmente uma interseccionalidade muito invisibilizada. Porque ou a gente tá pensando nas pessoas surdas, ou a gente tá pensando nas pessoas negras, e muitas vezes a gente não pensa nisso junto. Quando você se apresentou agora, você falou sobre o negro surdo da favela, e me chamou muita atenção o fato de ele simplesmente não ouvir o tiro, sabe? Então, assim, o quanto uma série de problemas perpassam as realidades, né, e o quanto é muito importante vocês falarem disso. E aí eu queria saber, fiquei curiosa mesmo, de como seus amigos e amigas surdos te veem nesse lugar, sabe? Como foi pra eles começar a te ver mostrar isso e, de alguma forma, passar isso pras pessoas?

[00:19:55] **NEGABI:** É isso. Lá na favela, dentro da favela, os surdos são negros e pobres. E é muito forte isso, são muitas dores, **[MÚSICA TENSA COMEÇA AO FUNDO]** e isso é muito pior na violência. Não tem informação e tem muito surdo morrendo por aí. Por exemplo, a polícia tá gritando, chamando, chamando, chamando, pára, pára, pára, e o surdo tá só correndo,

pára, pára, e a polícia só se revolta e atira. E aí "o que aconteceu? Como morreu?" "É surdo." "Ah, eu não sabia, eu não sabia que era surdo." A polícia não sabe, e, então, acontecem vários casos. O surdo andando, e a polícia gritando, e batendo no surdo, e o surdo não sabe nem o que tá acontecendo, porque pensa que ele é ladrão, ou que o estilo dele parece de vagabundo. E aí "ah, tá roubando" "não, eu sou surdo", e a polícia vai, de sacanagem, e atira, e trata com grosseria, e prende mesmo, falando que é bandido, falando que tá prendendo e o surdo tá falando "não, não, eu não sou, eu tava indo pra escola, tava fazendo alguma coisa". Porque isso acontece todo dia. Então, são vários casos, várias coisas que acontecem por conta da falta de comunicação, e é sempre prejudicando a comunidade surda, sempre com violência. **[TRILHA TENSA, SIMULANDO PERSEGUIÇÃO, FICA MAIS ALTA]** Aconteceu aqui no Rio. Tava tendo um tiroteio entre bandido e polícia e o surdo morreu, com um tiro. Ele tava no caminho, e ele não ouviu nada. **[MÚSICA DIMINUI GRADUALMENTE]** "Ah, desculpa. Eu não sabia. Ele é surdo, precisava ter atenção, **[MÚSICA PÁRA]** precisa ter o visual, que não sei o quê". Mas não. Ficar dependendo só do visual, 24h olhando pra tudo, olhando pra...? Não, não é isso. A gente não pode se distrair? Quando a gente foca num negro surdo, é o meu foco, porque é muito importante essa questão da identidade. Porque eles não sabem que eles são negros, às vezes. A maioria precisa de verdade ter a identidade de uma pessoa negra, e saber, sentir como é a pele, seu cabelo, isso também é dentro de mim. Eu sou uma mulher negra e toda a minha trajetória faz sentido. E nós fomos colonizados, somos um país que foi colonizado, e o negro surdo ele já não sabia o que tava acontecendo. Nessa época, também já existiam surdos. A gente não pensa nisso. E aí é a questão da comunicação, a pessoa falava "ah, eu sou surdo" e já tava ali sendo jogado, sendo escravizado e morrendo. Os deficientes negros estavam morrendo, como se não fossem capazes de trabalhar, como se não fossem capazes. E os ouvintes ok, eram separados. E os deficientes já estavam sendo mortos. Isso existiu. Isso existe até hoje. Esse preconceito, o racismo existe até hoje, o preconceito com a surdez, o ouvinte negro e o surdo negro são duas categorias totalmente diferentes, mas não são unidos. Os ouvintes, eles ignoram o surdo, e o surdo não tem às vezes a identidade de ser uma pessoa negra. E os surdos estão morrendo, porque não tem identidade assumida. E é muito importante o negro surdo ter identidade, assumir essa questão. E isso no slam, dentro da arte, dentro da música, dentro de vários outros momentos. A arte é muito importante pra vida, e o negro surdo precisa divulgar isso dentro da poesia. Por isso eu falo sobre ser surda.

[00:23:22] **LARISSA BISPO:** Sim. Você falou tudo, assim, sobre esse lugar e esse não-lugar, muitas vezes, né? Enfim, só... acho que todo mundo deveria mesmo te agradecer por ser uma

das referências e uma das pessoas que tá tentando mudar, sabe, isso tudo. Queria falar com a Rafa agora um pouquinho sobre, ainda nessa linha da militância, queria que você me dissesse um pouco como é ser mulher negra e periférica quando você tá se apresentando, sabe? O que que passa pela sua cabeça, o que que vem da tua história? Não só o que te inspira, mas também o que você tá trazendo de referência sua, sabe, naquele momento ali?

[00:24:08] **RAFA RASTA:** É... sempre é tudo, né? Porque eu conto, nas músicas e na minha poesia, eu conto a história realmente da quebrada, do que eu vejo, do que as pessoas vivem, o que falta pra elas, sabe? Como eu disse no texto, o descaso e o abandono em que elas vivem, sabe? Eu gosto muito de falar sobre isso, porque as pessoas sabem que elas estão vivendo aquilo, mas elas não entendem, sabe? **[COMEÇA TRILHA TENSA AO FUNDO]** É como eu digo, a justiça não é cega, ela é seletiva, ela seleciona os dela. Então, é bem isso... eu, tipo, eu tô cantando aqui, eu tô mandando uma poesia, eu tô falando da minha quebrada, e eu tô sentindo, sabe, "porra, por que acontece isso com a gente?", né? Por que a gente tá passando por tantas coisas difíceis? Poderia ser bem mais fácil, mas eles não querem, porque eles querem ver o preto morto, quer ver o pobre morto, quer ver o favelado morto. Então traz uma... é uma esperança de dias melhores, pelo conceito das pessoas de me ouvir e entender o que eles vivem, sabe? E, ao mesmo tempo, é uma revolta, de você ter que estar falando sobre isso podendo falar de amor, de paz, de alegria. Mas você tá falando de dor, de rancor, de descaso, que a gente é tratado como bicho. Então, quando eu tô no palco, é meio que uma liberdade, sabe? Eu digo "caramba, eu tô livre, ó, flutuando", porque tô extravasando, tá saindo de mim tudo aquilo que eu sinto, porque é isso que eu faço. Eu uso a música e a poesia pra extravasar meus sentimentos tristes sobre a minha vivência mesmo, a vivência do meu povo...

[00:25:51] **LARISSA BISPO:** E como é que você se sente depois?

[00:25:53] **RAFA RASTA:** Como? Voando mesmo. Um anjo. Levinho, levinho (risos).

[00:25:58] **LARISSA BISPO:** Então é como se fosse uma cura, né?

[00:26:01] **RAFA RASTA:** É, é o meu remédio. Eu costumo dizer que, se eu parar com o que eu faço, eu morro. É um remédio... nada me deixa bem a não ser cantar e recitar, sabe? Então, eu tô mal aqui, eu vou cantar pra árvore.

[00:26:14] **LARISSA BISPO:** (risos)

[00:26:14] **RAFA RASTA:** Árvore, me escuta. Eu preciso cantar que eu estou mal. É um cano de escape mesmo, né, pra mim.

[00:26:22] **LARISSA BISPO:** E como é que as pessoas te receberam lá, como é que receberam isso? Como é que foi, agora, a Rafa Rasta?

[00:26:31] **RAFA RASTA:** É, ninguém me chama de Rafaela mais, gente. É Rasta pra cá, Rafa pra lá, é... acha bom, né, acha massa porque eles não veem isso na quebrada. Tem uns que nunca foram a uma batalha de rima, nunca foi para um show de rap, nunca... sabe? E aí, depois que viu o que eu faço, eles "ah, cê vai cantar onde? Diz pra mim, eu vou lá, véi, preciso ver isso, nunca vi!". E aí eu digo: "Vamo lá comigo? Vamo simhora". É isso, é gratificante, tanto pra eles quanto pra mim. Eles, porque estão aprendendo e vendo algo novo; e pra mim por ver eles me amarem, né? Pelo que eu faço. (risos)

[00:27:07] **LARISSA BISPO:** (risos) Sim. Maravilhosa. Gente, vou terminar com uma pergunta geral, pras duas, que é... primeiro, como foi a experiência da Flup, vocês já falaram um pouquinho, mas queria ouvir mais o que foi de diferente, o que rolou pra vocês assim, mais emocionalmente mesmo, e o que vocês pretendem fazer a partir de agora, se vocês têm planos pro ano que vem, como slammer e também fora disso. Negabi?

[00:27:39] **NEGABI:** Então, a Flup, aqui dentro, agora, de 2019, foi muito incrível. Essa minha apresentação, eu tava um pouco nervosa, e todo mundo olhando pra mim, porque todo mundo tava bastante curioso, né. "É a Gabi, né?". E todo mundo tava me olhando, e eu tava... ali, né. E foi muito maravilhoso. Meu coração tava muito bom, e a questão da intérprete, foi a primeira vez que teve intérprete junto fazendo minha versão voz. E eu me senti muito feliz porque foi muito de verdade, foi muito natural. Foi muito natural a poesia, a língua de sinais, e os ouvintes ficaram muito emocionadas e começaram a chorar, e eu fui percebendo, fui entendendo isso. Foi tendo essa troca, e meu coração ficou doendo, e foi se enchendo de amor também, ao mesmo tempo, por cada um que tava ali. E, sobre essa comunicação que teve, eu fiquei muito feliz esse ano, no Rio. Mas, ano que vem, vou continuar na resistência, na poesia, vou continuar escrevendo, e ver o que vai acontecendo na sociedade, eu vou aprendendo, vou pegando isso e vou escrevendo minha poesia, vou seguir nessa linha. Eu planejo escrever um livro também, escrever sobre a língua de sinais e sobre a poesia, pros ouvintes lerem e sentirem isso também, eles saberem. Eu amo poesia, a poesia pra mim significa a paz de alma e essa força da questão da negritude sobre os orixás e sobre Oxum. Isso tudo eu absorvo, e isso é muito forte pra mim.

Os ouvintes juntos, as mulheres todas, as mulheres negras, olha... foi um empoderamento, essa resistência, foi muito forte. Toda essa ligação foi muito, muito, muito forte. E a poesia é importante por isso, pra literatura, pra história, e pra falar sobre isso, sobre norte, sul, leste, oeste, sobre todos os estados, o que está acontecendo em todos os espaços. Mas eu tenho esperança que aumente o número de surdos na Flup. Não ser só eu, mas terem outros também e terem outros surdos dentro da Flup, outros surdos poetas, crescendo, e a gente ocupar esse espaço da Flup também. Ok, precisa ter ouvintes também, mas precisa ter surdo também, precisa ter outros deficientes, cegos, surdos-cegos. Eu tô muito feliz e eu torço pra que esse número aumente. E também que aumente o número de intérpretes artistas, porque eu tô muito feliz com isso. E eu acredito que, no futuro, vai melhorar dentro da Flup também a quantidade de surdos.

[00:30:39] **LARISSA BISPO:** Eu também acho que sim, e acho que você tá sendo muito importante, foi muito importante você estar aqui. Queria mesmo agradecer tanto por você estar aqui no podcast quanto na Flup esse ano, porque eu acho que você, além de levar muita emoção pros ouvintes, leva muita representatividade pras pessoas surdas. E, Rafa, como você se sentiu e se você tem algum plano daqui pra frente.

[00:31:09] **RAFA RASTA:** Ah, eu me senti muito bem, né? Bem acolhida, tipo, tava em casa. Gente! Eu nunca vi tanta mulher linda, né, no mesmo lugar. As negra lá tudo forte, aquelas minas são poderosas, gente! Eu fiquei assim, sabe, é surreal a energia delas, o quanto elas são carinhosas, cuidadosas umas com as outras. Eu nunca recebi tanto carinho na minha vida, em 28 anos de vida que eu tenho, sabe? É muito forte. E pretendo... tomara que no ano que vem eu venha novamente, né? Quero muito. Mas, meus planos? Tenho planos, sim. Tenho um show pra fazer aqui no Rio, tal, uns pocket show, e tô nessa pegada, rap, poesia, é a minha viagem, a minha força, e eu quero continuar nisso. Quero conhecer, quero fazer parcerias com outras pessoas, já tô fazendo, no caso. Quem quiser, gente, chegue lá, por favor, dia 26 em Caxias, Mangueirinha, estarei tocando, tão convidadas. É isso (risos).

[00:32:14] **LARISSA BISPO:** Não, não pare mesmo, porque acho que você, principalmente aqui, no Rio, você traz uma realidade que muita gente não conhece, sabe, e que a gente precisa se aproximar. Acho que o slam faz muito isso, né, porque traz diferentes... periferias e periferias, porque existem periferias e periferias.

[00:32:37] **RAFA RASTA:** Sim.

[00:32:38] **LARISSA BISPO:** E acho que é muito importante você estar aqui [**COMEÇA VINHETA 'MINAS PRETAS' AO FUNDO**] e levar isso pra mais pessoas, sabe? Sair e trazer tua realidade e transformar a de outras pessoas também, porque acho que te ver cantar faz isso mesmo. Então... enfim, gente, muito obrigada por vocês estarem aqui, agora a gente termina mais um episódio, eu amei conhecer vocês e é isso. Vamos dar um tchauzinho pra galera que tá ouvindo.

[00:33:06] **NEGABI E RAFA RASTA:** Tchau, tchau!

[00:33:14] **LOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Minas Pretas.

[00:33:15] **MULHER 1 NÃO IDENTIFICADA [VOZ DISTANTE]:** Você precisa sentir cada palavra que você tá falando.

[00:33:18] **LOCUTORA NÃO IDENTIFICADA [SUSSURRA]:** Minas Pretas.

[00:33:23] **MULHER 2 NÃO IDENTIFICADA [VOZ DISTANTE]:** Se continuar assim, a gente se olhando, se ouvindo, é essência, e tem que continuar sendo assim.

[00:33:35] **LOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** Confira os próximos episódios de 'Minas Pretas', uma realização da Flup, do PretaLab e da Rádio Escada. [**MÚSICA DE VINHETA DIMINUI GRADUALMENTE ATÉ PARAR**]